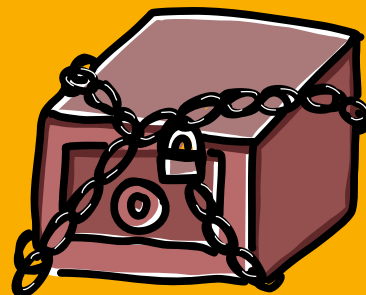




O raio X do investidor brasileiro



SUMÁRIO

Apresentação	3
Um pouco de metodologia	5
Como o brasileiro lida com dinheiro	7
Quem economizou em 2017?	9
Destino que deu para o dinheiro economizado	11
Conhecimento sobre finanças e investimentos	12
Finanças	12
Investimentos	16
Conheça o investidor brasileiro	18
Onde o brasileiro investe seu dinheiro?	20
Conhecimento versus utilização	21
Quais vantagens as pessoas veem em investir?	22
O que as pessoas levam em consideração para escolher um produto financeiro?	25
Onde busca informações?	26
Expectativa com relação às aplicações	28
Conhecimento dos investidores sobre economia	31
Destino que dará para o retorno das aplicações	32
Quem investiu em 2017?	33
Quem é o brasileiro que aplicou dinheiro em 2017?	34
Onde o brasileiro investiu em 2017?	35
Não investidores	36
Por que não investem?	37
Intenção de investir em 2018 e destino da aplicação	39
Brasileiro não se prepara para a velhice	41
Conclusão	45



APRESENTAÇÃO

Para a ANBIMA, **educação é um dos pilares** para a construção de um mercado forte. Esse é um compromisso público, assumido com os associados e com toda a sociedade. Nossos esforços na área de educação são dirigidos para **três grandes públicos**: os **profissionais do mercado**, para quem oferecemos um conjunto de certificações e de cursos; os **investidores**, para quem produzimos e disseminamos conteúdo educativo e de conscientização sobre investimentos; e o **público em geral**, com o forte apoio a programas de educação financeira.



Para uma atuação mais efetiva, com qualquer que seja o público-alvo, é preciso entender o comportamento e as motivações do investidor, assim como a relação que as pessoas têm com o dinheiro.

Um dos instrumentos que temos usado para isso são as **pesquisas de opinião**, que nos ajudam a compreender essa relação e o que impacta a tomada de decisão quando o assunto é investimento. Para conhecer os **hábitos de poupança e de investimento** da população brasileira, ouvimos **3,3 mil pessoas em todo o Brasil**, com ajuda do Datafolha. Nasce, assim, o **raio X do investidor** apresentado nas próximas páginas. Além de saber se investiram ou não em 2017, a pesquisa identifica as preferências de investimento da população, suas motivações no momento de escolha e como ela enxerga o futuro, entre outros aspectos.



APRESENTAÇÃO

O raio X do investidor ([acesse a página especial](#)) já nasce ambicioso: o objetivo é **repetir o levantamento anualmente** para monitorar as intenções de investimento dos brasileiros não apenas em relação às **aplicações financeiras**, mas também quanto à **aposentadoria e aos motivos que levam as pessoas a não fazerem reserva financeira**.

Esta pesquisa vem na sequência de outra que fizemos em 2017, ocasião em que fomos às ruas analisar o comportamento da população brasileira quando o assunto é dinheiro. O levantamento nos permitiu identificar **cinco maneiras distintas de lidar com as finanças**.



http://anbima.com.br/pt_br/especial/relacao-do-brasileiro-com-o-dinheiro.htm

Assim como no levantamento anterior, **o material completo é colocado à disposição** dos associados e de toda a sociedade em uma página especial sobre a pesquisa ([acesse aqui](#)).

É um insumo riquíssimo que pode orientar estratégias de comunicação e contribuir para uma oferta mais assertiva de produtos e serviços.

Boa leitura!



UM POUCO DE METODOLOGIA

As conclusões apresentadas a seguir são baseadas em uma pesquisa quantitativa, realizada pelo Datafolha, com objetivo de traçar um **diagnóstico dos investidores** no Brasil em 2017. Nossa intenção é repetir a pesquisa todo ano. Assim, poderemos **acompanhar o comportamento** dos investidores e entender as mudanças ao longo do tempo.

Foram entrevistadas 3.374 pessoas em todo o Brasil,

em 152 municípios. Para que a pesquisa tivesse representatividade nacional, foram ouvidos moradores de norte a sul, desde Riachuelo, cidade do Rio Grande do Norte com cerca de 8 mil habitantes, até São Paulo, maior capital do país com 12 milhões de pessoas, e municípios de localidades extremas, como Belém, no Pará, e Canguçu, no Rio Grande do Sul. As entrevistas aconteceram entre os dias 5 e 19 de março de 2018.

O público-alvo foram

pessoas com 16 anos ou mais, das classes A, B e C, economicamente ativas,

que vivem de renda ou aposentadas. Cada entrevista durou cerca de 16 minutos e as questões misturavam respostas com escolha de alternativas e declarações espontâneas, ou seja, quando não havia sugestões prévias de respostas. Enquanto as perguntas abertas buscam conhecer os primeiros pensamentos que passam na cabeça das pessoas sobre determinado assunto, aquelas com alternativas, que chamamos de estimuladas, têm por finalidade mensurar determinados tipos de comportamento.



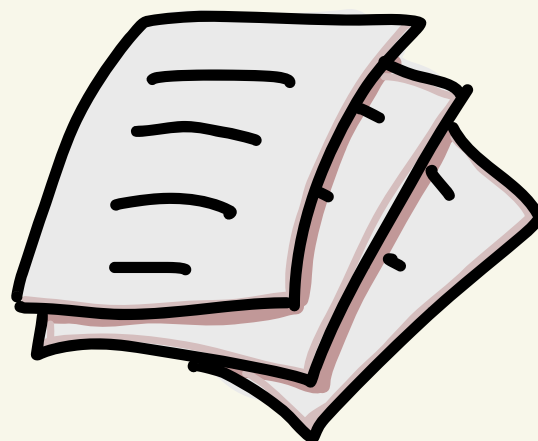


UM POUCO DE METODOLOGIA

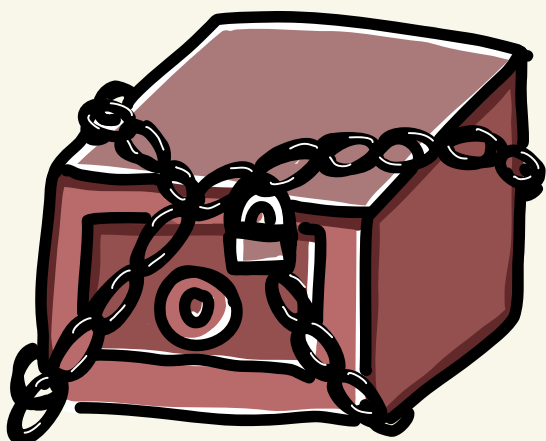
A apresentação dos resultados deste primeiro levantamento está dividida de duas formas nas próximas páginas:

42%
pessoas que
tinham algum
saldo aplicado
em produtos
do mercado
em 2017

Isso significa que elas podem não ter investido absolutamente nada em 2017, mas já tinham aplicações de outros anos



9% pessoas que
investiram
em aplicações
financeiras
em 2017



Para confirmar os dados, foi feita uma checagem pessoal (in loco) e também por telefone, cobrindo no mínimo 20% dos entrevistados. A margem de erro máxima para o total da amostra ficou em dois pontos percentuais para mais ou para menos, com **nível de confiança de 95%**.



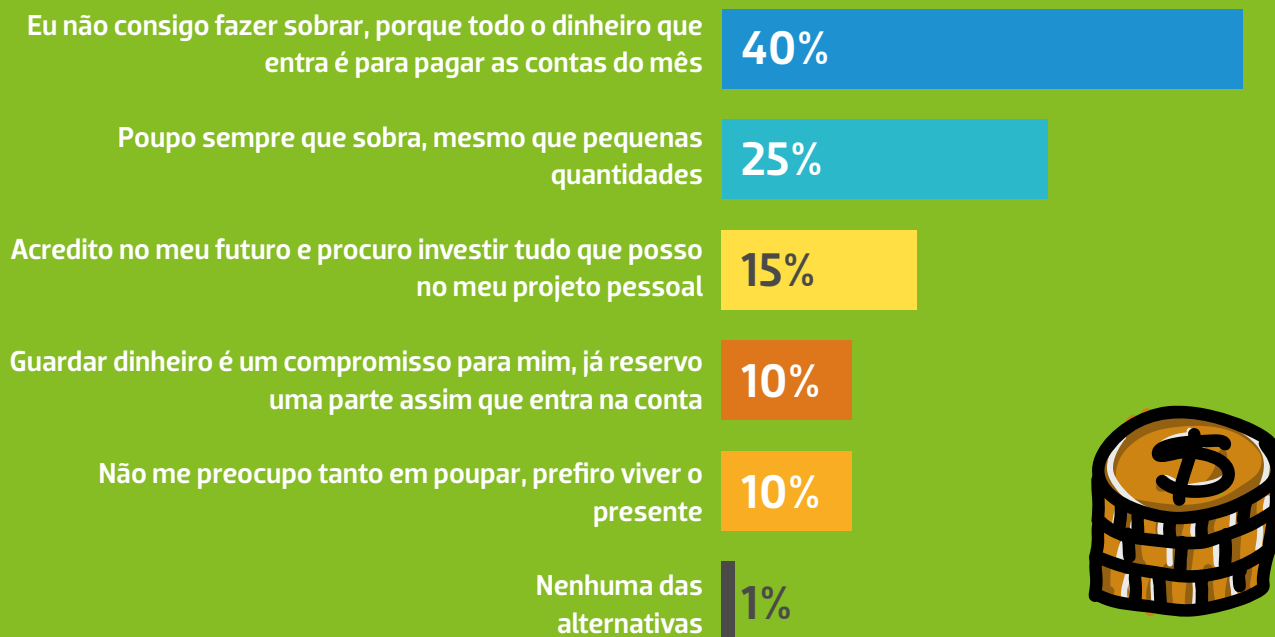
COMO O BRASILEIRO LIDA COM DINHEIRO

Para investir é preciso poupar, independentemente da quantidade.

Um dos primeiros questionamentos da pesquisa teve o objetivo de conhecer a relação dos brasileiros com o dinheiro para, mais para frente, aprofundarmos nas questões relacionadas aos produtos financeiros.

- 1 Os resultados mostram que, **para 40% da população brasileira, o hábito de poupar é inexistente**. O motivo alegado é falta de dinheiro, sob a justificativa de que todo valor que entra é destinado a pagar as contas do mês. Nesse universo, as **mulheres com mais de 35 anos, pertencentes à classe C e com escolaridade até o ensino fundamental são maioria**.

Modo de lidar com o dinheiro



Base: total da amostra de 3.374 entrevistas



COMO O BRASILEIRO LIDA COM DINHEIRO

2 Do outro lado, estão **35% que se preocupam em guardar dinheiro**. Desses, **25%** poupam sempre que sobra um dinheirinho, mesmo que em pequenas quantidades. Os outros **10%** que poupam agem de forma mais pragmática: guardar dinheiro é um compromisso. Assim que o valor entra na conta, já reservam uma parte para aplicar.

Nesse grupo de pessoas que poupam devagar e sempre e aqueles que guardam dinheiro todo mês, **a maioria tem ensino superior (45%), pertence à classe A (51%) e ganha mais de dois salários mínimos.**



3 O investimento no projeto pessoal aparece em terceiro lugar quando falamos sobre o modo de o brasileiro lidar com dinheiro. São **15% da população que acredita que empenhar dinheiro em suas ideias é uma maneira de investir.**

4 Por fim, temos **10% dos brasileiros que não se preocupam em guardar dinheiro**, e preferem viver o presente sem pensar no futuro.



Os mais jovens (12%) e os mais velhos – entre 45 anos e acima de 60 (23%) – têm destaque entre os despreocupados



COMO O BRASILEIRO LIDA COM DINHEIRO

Quem economizou em 2017?

Dos 3.374 brasileiros que entrevistamos, apenas **32% conseguiram economizar qualquer quantia em 2017**. Desses, **36% são homens**, têm idade entre 16 e 34 anos, pertencentes às classes A/B (43%) e com ensino superior (43%).



Para encerrar o mês com alguma economia, **84% das pessoas cortaram gastos ou guardaram qualquer dinheirinho** que sobrava. Aqueles que eliminaram despesas desnecessárias deixaram de sair aos fins de semana, evitaram compras de supérfluos, pararam de fumar, enfim, passaram a olhar de perto o orçamento e as despesas. Esses cortes de gastos foram mais comuns entre os jovens com mais de 25 anos.

Base: entrevistas que conseguiram economizar em 2017 (1.119 entrevistas)



Diminuí os gastos, deixei de andar de carro e passei a andar de **bicicleta e de moto.**



Poupei mesmo, evitando alguns gastos e eliminando algumas **coisas supérfluas.**



Separei **30%** do salário um mês sim e um mês não.



Gastei só o necessário e trabalhei horas a mais para conseguir. Também **parei de beber e de fumar.**



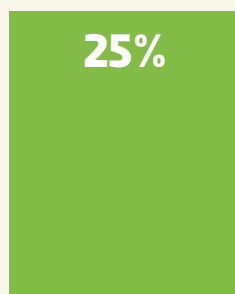
COMO O BRASILEIRO LIDA COM DINHEIRO

Uma pequena parcela ganhou um dinheiro extra por meio de produtos bancários.

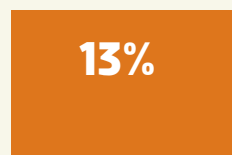
Brasileiros entre 16 e 34 anos (36%) foram os que mais preferiram essa opção.



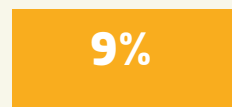
Corte de gastos



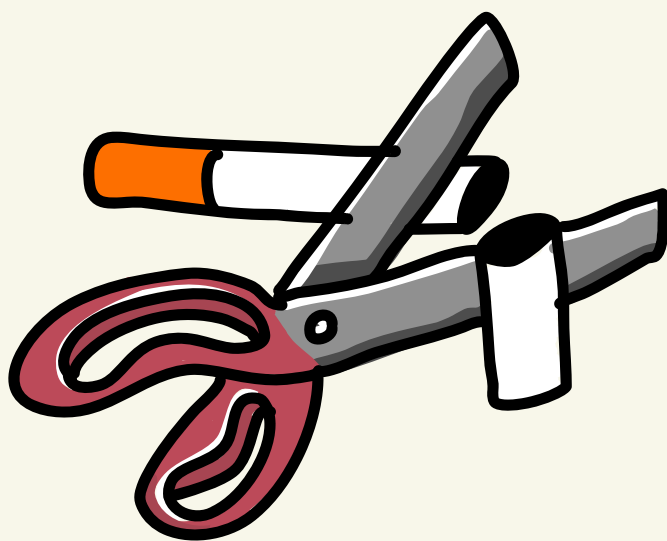
Fazendo economia



Produtos bancários



Trabalhando mais



Em último lugar, estão 9% da população que teve que trabalhar mais para ganhar um dinheirinho extra. **A maioria são homens (12%) e têm escolaridade fundamental (14%) e média (11%).**

Base: pessoas que conseguiram economizar em 2017 (1.119 entrevistas)

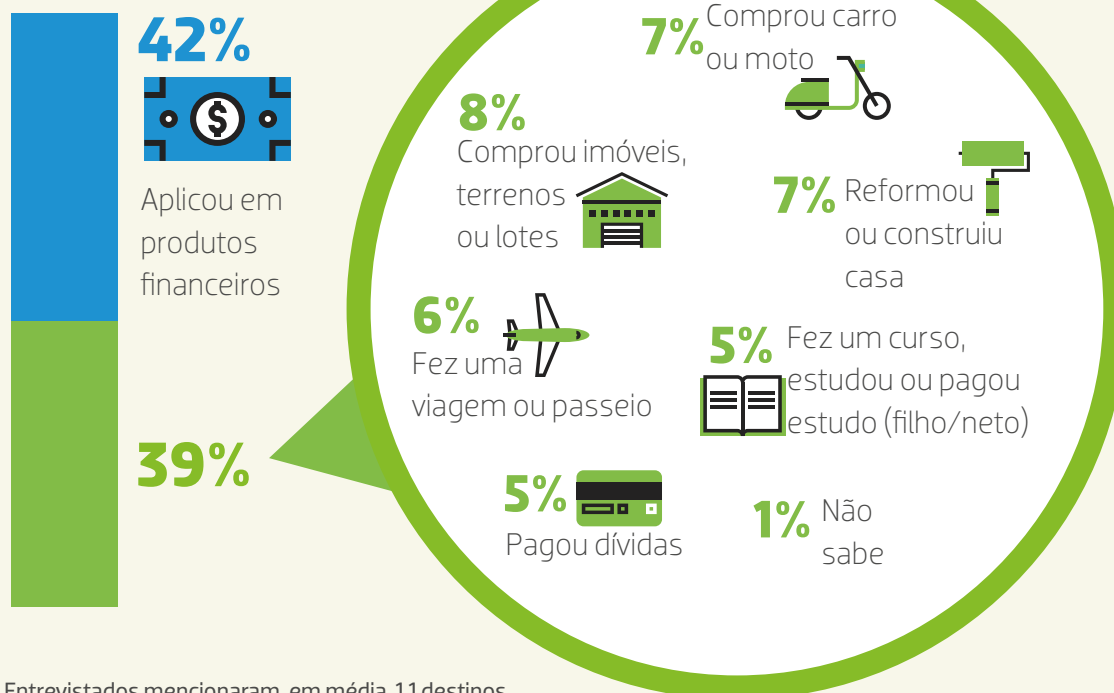


COMO O BRASILEIRO LIDA COM DINHEIRO

Destino que deu para o dinheiro economizado

Dos 32% que economizaram, **quase metade (42%) aplicou o montante em produtos financeiros**, especialmente pessoas com mais de 25 anos e que recebem acima de três salários mínimos.

Destino das economias



Entrevistados mencionaram, em média, 1,1 destinos

O segundo destino preferido das pessoas aparece com larga distância das aplicações financeiras com 8%: **é a compra de imóveis, terrenos ou lotes**. Os demais itens também têm pequena representatividade e são referentes à compra de automóvel (7%), à reforma ou construção da casa (7%), a viagens ou passeios (6%), aos estudos (5%) e ao pagamento de dívidas (5%).



Reformei a casa.



Paguei a viagem do meu filho para estudos.



Comprei um carro.



Não gastei, deixei guardado no banco.

Base: pessoas que conseguiram economizar em 2017 (1.119 entrevistas)



CONHECIMENTO SOBRE FINANÇAS E INVESTIMENTOS

Finanças

Saber qual é o entendimento da população sobre os conceitos básicos da economia pode ajudar a explicar os motivos pelos quais o brasileiro investe pouco. Pensando nisso, durante a pesquisa, **aplicamos as perguntas conhecidas como "Big Three"**, metodologia mundial criada pelas professoras especializadas em educação financeira Annamaria Lusardi (da Itália) e Olivia Mitchell (dos Estados Unidos).

As respostas estão divididas entre **população, investidores e não investidores**. De maneira geral, os investidores têm melhores resultados, mas a diferença não é tão grande, como pode ser visto nos gráficos a seguir.

Junto aos resultados das questões, **comparamos as respostas da população brasileira com as de outros países:**

Alemanha¹, Austrália², Canadá³, Estados Unidos¹, Finlândia³, França², Itália¹, Japão¹, Romênia², Rússia¹, Suécia¹ e Suíça².



¹: pesquisa realizada em 2011

²: pesquisa realizada em 2013

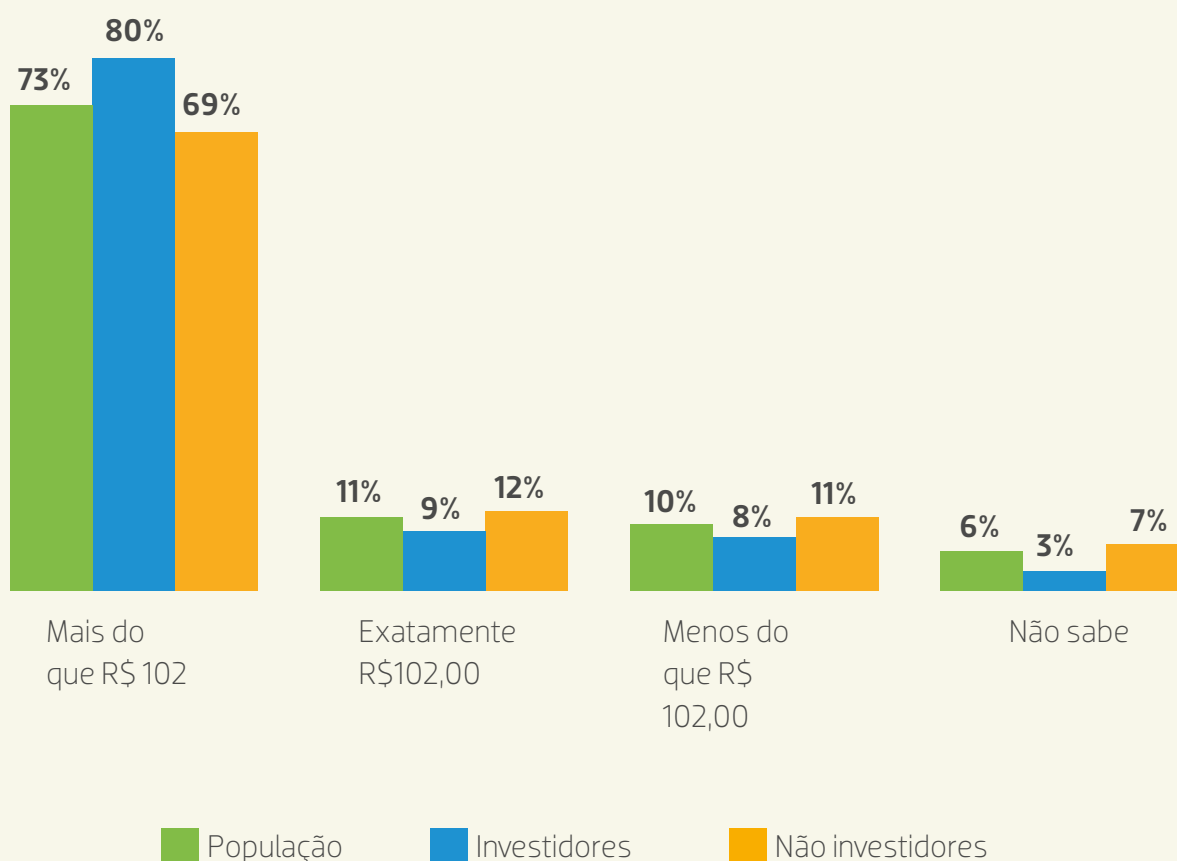
³: pesquisa realizada em 2015



CONHECIMENTO SOBRE FINANÇAS E INVESTIMENTOS

1 Percepção sobre juros

Você possui R\$ 100,00 em investimentos que rendem 2% ao ano. Depois de cinco anos, qual será o saldo da aplicação?



>> Setenta e três por cento acertaram a questão, indicando a resposta "Mais do que R\$ 102,00". Os resultados de oito dos 12 países que consideramos nessa análise foram inferiores ao nosso. Entre eles, os desenvolvidos Japão (70%), Estados Unidos (65%), Finlândia (58%) e Suécia (49%). Mas perdemos quando comparados à Austrália (83%), à Alemanha (82%), à Suíça (79%) e ao Canadá (78%).

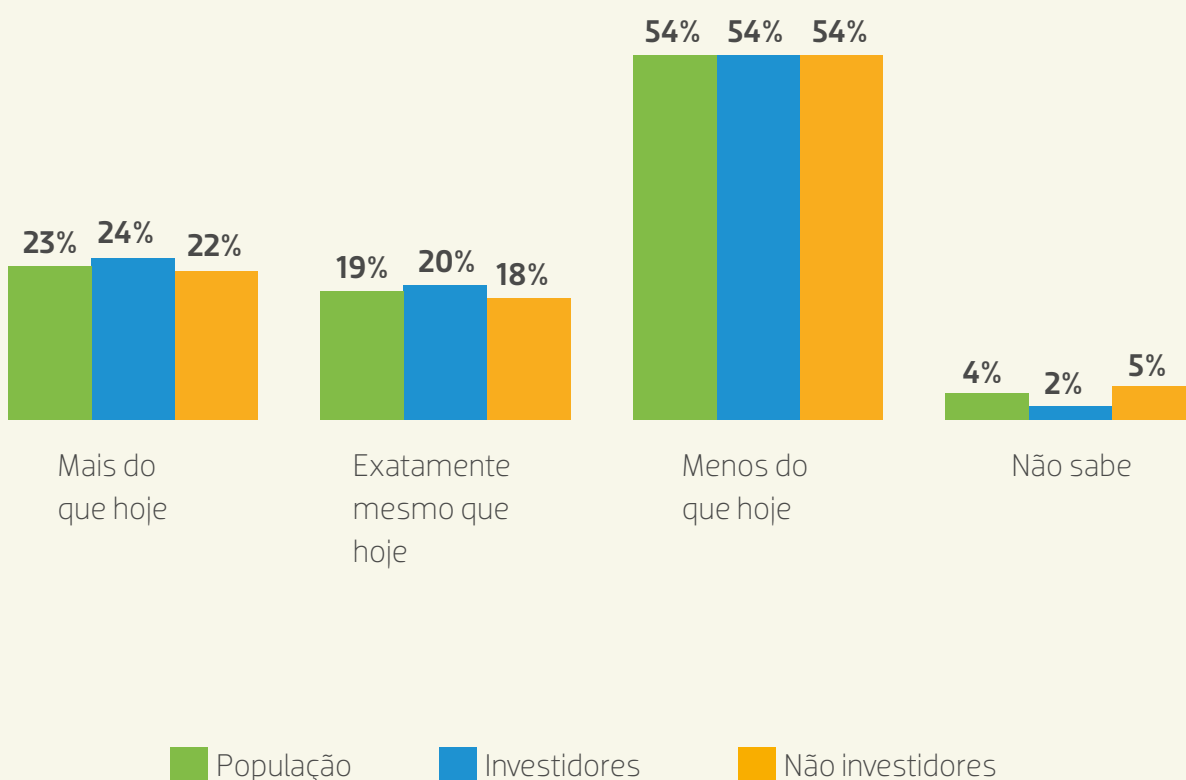
Base: total da amostra – 3.374 // Investidores: 1.411 // Não investidores: entrevistados que fazem outros tipos de investimento, mas não fazem aplicações financeiras ou que não fizeram aplicações financeiras ou investimentos (1.858 entrevistas)



CONHECIMENTO SOBRE FINANÇAS E INVESTIMENTOS

2 Percepção sobre o poder de compra/inflação

Imagine que o rendimento de seu investimento é de 1% ao ano e a inflação foi de 2% ao ano. Depois de um ano, quanto você imagina que poderá comprar com o dinheiro que ficou aplicado nesse período?



>> A percepção da população sobre inflação, juros real versus nominal e poder de compra é a questão com o pior resultado do Big Three. Os alemães e os suecos foram os que se saíram melhor (ambos com 78%). Ficamos na frente apenas dos romenos, que tiveram 32% de acertos, e dos russos com 19%.

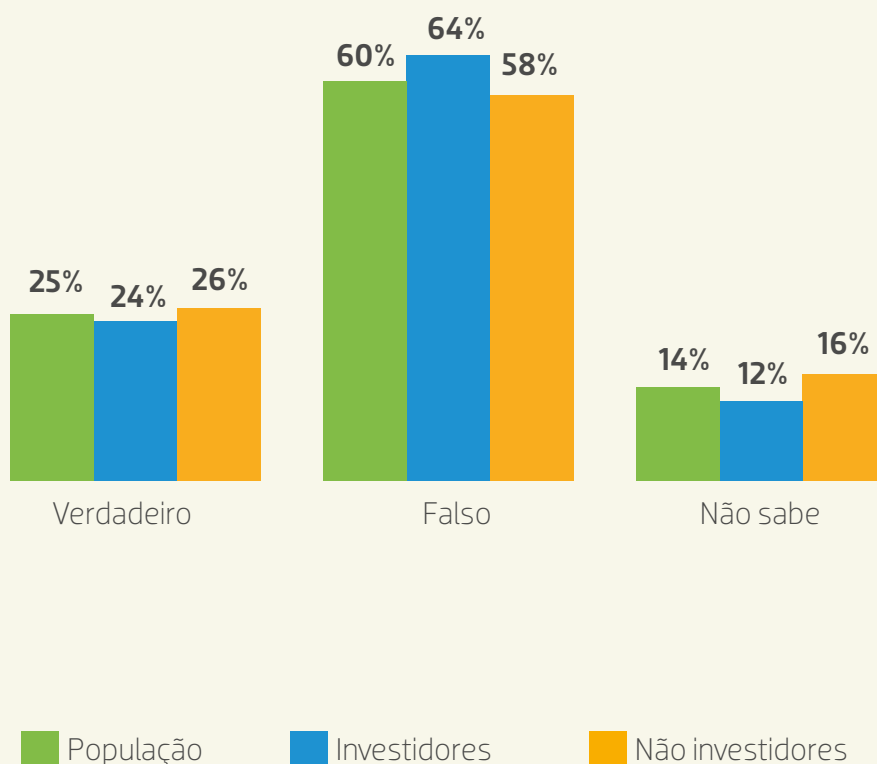
Base: total da amostra – 3.374 // Investidores: 1.411 // Não investidores: entrevistados que fazem outros tipos de investimento, mas não fazem aplicações financeiras ou que não fizeram aplicações financeiras ou investimentos (1.858 entrevistas)



CONHECIMENTO SOBRE FINANÇAS E INVESTIMENTOS

3 Percepção sobre risco

Diga se a afirmação é verdadeira ou falsa: comprar ações de uma única empresa gera um rendimento mais seguro que um fundo de ações?



>> Sessenta por cento da população acertou a questão do Big Three, que envolvia conhecimento sobre risco. Apesar de o número ser próximo à média, o resultado fica na frente de quase todos os países – as exceções são a Suíça (73%) e a Alemanha (62%). Apenas 13% dos americanos indicaram a questão correta, enquanto 56% dos japoneses não souberam qual resposta escolher.

Base: total da amostra – 3.374 // Investidores: 1.411 // Não investidores: entrevistados que fazem outros tipos de investimento, mas não fazem aplicações financeiras ou que não fizeram aplicações financeiras ou investimentos (1.858 entrevistas)

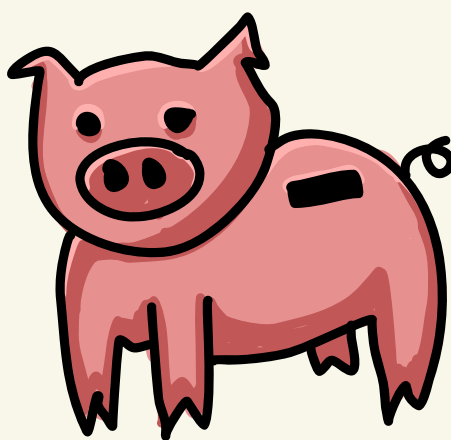


CONHECIMENTO SOBRE FINANÇAS E INVESTIMENTOS

Investimentos

A pesquisa mostra que **mais da metade dos brasileiros não conhece e não utiliza produtos de investimento.**

Em respostas espontâneas, ou seja, sem opções de escolha, apenas 45% da população disse conhecer um ou mais tipos de produtos, **com destaque à poupança, citada por 32%.**



Na sequência, também houve menções para **ações (11%) e fundos de investimento (9%)**, que foram inclusive mais lembrados do que outros produtos mais populares nas carteiras dos brasileiros, como os **títulos públicos (8%) e a previdência privada (3%).**

A poupança é mais conhecida entre os homens (34%), os mais velhos –pessoas entre 45 e 59 anos– e foi lembrada por 50% dos brasileiros com ensino superior e 45% dos pertencentes à classe A/B.

Em média, cada pessoa citou, espontaneamente, de um a dois produtos. No entanto, **54% não souberam mencionar nenhum tipo de investimento financeiro.** As perguntas abertas, sem opções de alternativas, são importantes para medir o conhecimento espontâneo das pessoas em relação aos investimentos oferecidos pelas instituições.





CONHECIMENTO SOBRE FINANÇAS E INVESTIMENTOS

O cenário muda quando são dadas alternativas aos entrevistados. Nesse caso, **quase a totalidade dos brasileiros (96%) diz conhecer algum tipo de investimento** e cada um menciona, em média, de quatro a cinco tipos de aplicações. O conhecimento da caderneta de poupança sobe para 92% e as ações são apontadas como investimento por 77% da amostra. A previdência privada passa para o terceiro lugar, com 71%, na frente dos fundos de investimento (58%).

A previdência privada é mencionada mais vezes entre a classe A, pessoas com ensino superior e com renda acima de dez salários mínimos. As moedas digitais são citadas como investimento por 43% dos entrevistados. **A parcela da população que diz não conhecer nenhum tipo de investimento despensa para 3%**, com predominância entre os jovens de 16 a 24 anos e dos pertencentes à classe C.

	Conhecimento espontâneo	Conhecimento geral (espontâneo + estimulado)	Utilização
Poupança	32%	92%	37%
Ações na bolsa	11%	77%	1%
Fundos de investimento	9%	58%	2%
Títulos públicos	8%	43%	1%
Títulos privados	7%	36%	2%
Previdência privada	3%	71%	3%
Moedas digitais	2%	43%	1%
Não lembra	1%	1%	—
Não conhece/utiliza/ pretende utilizar	54%	3%	57%



CONHEÇA O INVESTIDOR BRASILEIRO

"Você tem algum dinheiro aplicado em produtos financeiros?"

Essa foi uma das perguntas que fizemos aos brasileiros. Quarenta e dois por cento afirmaram ter algum saldo em aplicações no ano passado – isso significa que eles podem ter aplicado em anos anteriores ou em 2017. Esse percentual equivale a 41 milhões de pessoas.

Mas, quem são os 42% dos brasileiros que têm dinheiro aplicado em produtos financeiros?

Grande parte



é homem

com

43 anos, em média

e mais escolarizada:

44%

possuem o ensino médio e



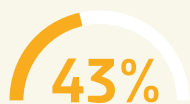
36%

concluíram uma faculdade



A maioria é casada e tem, em média, dois filhos

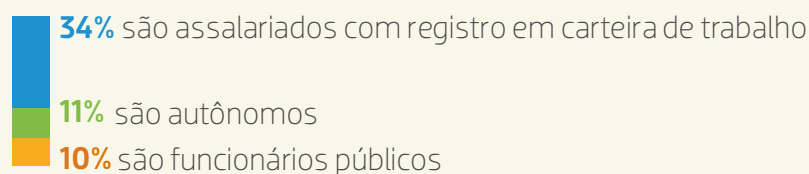
A alta escolaridade acompanha a renda:



pertencem às classes A/B

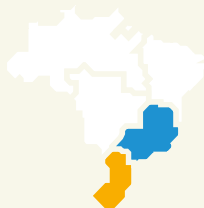
85%

tem alguma atividade remunerada



Um pouco mais da metade

51% mora na região Sudeste



e outra grande parcela

20% vive na região Sul

Regiões que concentram pouco mais de **60%** da população brasileira

Base: investidores (1.411 entrevistas)



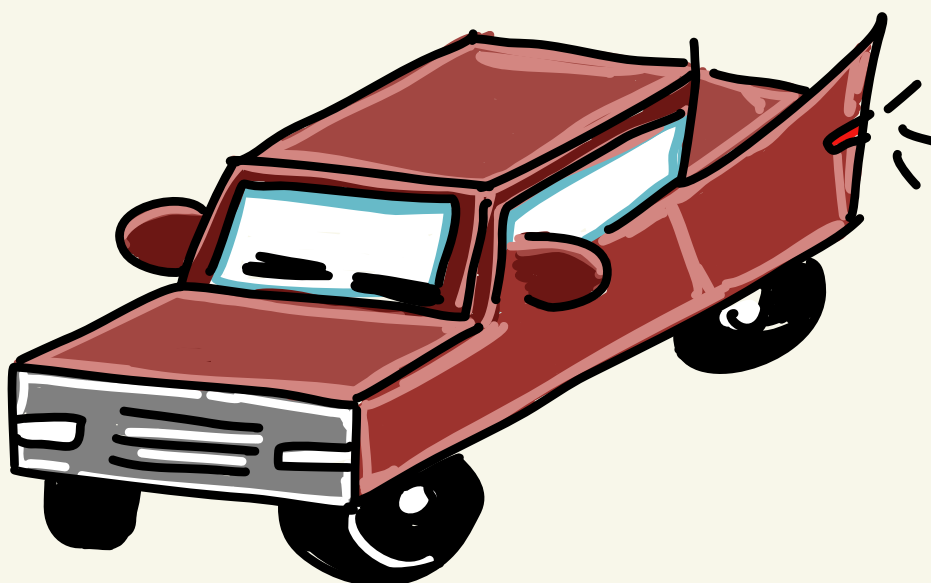
CONHEÇA O INVESTIDOR BRASILEIRO

Outros dados do perfil de quem investe não necessariamente obedecem ao perfil da população brasileira economicamente ativa e pertencente às classes A, B ou C.

A renda familiar média do investidor (R\$ 5.400,00), por exemplo, **é 20% maior do que a da população considerada na pesquisa** (R\$ 4.500,00). Entre as ocupações dos brasileiros, os freelancers ou profissionais que fazem bico aparecem em segundo lugar, enquanto no universo dos investidores eles estão em terceiro, empatados com os funcionários públicos. **O mesmo acontece com os desempregados: são 11% da população brasileira, mas correspondem a 8% dos investidores.**



A posse de bens de consumo é mais recorrente entre os investidores do que na população em geral. O carro próprio é uma realidade para **52% dos investidores e para 44% da população.** A diferença fica maior – 11 pontos percentuais – quando o assunto é plano de saúde e seguro: **44% dos investidores têm plano de saúde, contra 35% da população.** Quarenta e dois por cento dos investidores têm seguro, enquanto apenas um terço da população conta com esse item. **Somente 13% dos investidores não têm nenhum desses serviços.**





CONHEÇA O INVESTIDOR BRASILEIRO

Onde o brasileiro investe seu dinheiro?

Preferência nacional entre os 42% que investem, a caderneta de poupança é o destino das economias de 89% dessas pessoas

O perfil predominante é daqueles com **mais de 25 anos, maior escolaridade, renda superior a dois salários e pertencentes às regiões Sudeste (39%), Sul (42%) e Centro-Oeste (39%).**

O Norte e o Nordeste têm uma participação muito tímida nos investimentos de forma geral, não apenas na poupança.

Quando analisada apenas a renda, **44% das pessoas com renda superior a dez salários declaram investir na poupança.** O percentual cai para 28% entre os entrevistados com renda de até dois salários mínimos.

Depois da poupança, o segundo investimento mais utilizado pelo brasileiro é a previdência privada, mas existe um abismo entre os dois produtos.

Enquanto **89% indicam o uso da caderneta, apenas 6% apontam contar com a previdência privada.** Entre eles, prevalecem os brasileiros da classe A, com renda acima de dez salários mínimos e maior presença nas capitais e regiões metropolitanas.



Na terceira posição entre os produtos mais utilizados, estão os fundos de investimento e os títulos privados com 5% e 4%, respectivamente, na preferência do brasileiro. No caso dos fundos, os principais investidores são pessoas com mais de 60 anos, pertencentes à classe A e ganho acima de dez salários mínimos. Os títulos públicos, aplicados por meio do Tesouro Nacional, aparecem com 3%.



CONHEÇA O INVESTIDOR BRASILEIRO

Conhecimento versus utilização

A pesquisa mostra uma **diferença bem grande** entre os investimentos utilizados hoje e o conhecimento que as pessoas têm sobre eles.

A **caderneta de poupança**, por exemplo, é conhecida por 92% da população, mas utilizada por apenas 37% (considerando o total da população e não apenas as pessoas que declaram ter investimentos).

Enquanto 77% dos entrevistados afirmam conhecer ações, somente 1% da população investe efetivamente no produto



A maioria é homem e pessoas com renda superior a dez salários mínimos.

O mesmo acontece com as **moedas digitais e com os títulos públicos**: 43% das pessoas conhecem, mas só 1% investe.

A mesma relação é notada com os **planos de previdência**: 71% conhecem, mas só 3% dos brasileiros utilizam. Com os **fundos de investimento** a proporção é um pouco menor: 58% conhecem, enquanto 2% da população aplica.



CONHEÇA O INVESTIDOR BRASILEIRO

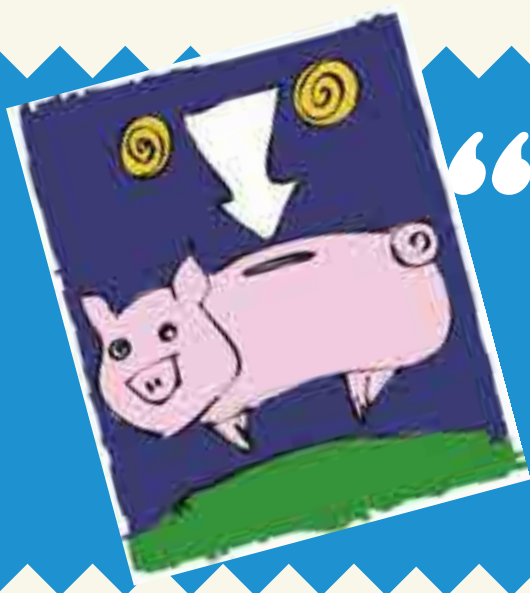
Quais vantagens as pessoas veem em investir?

Perguntamos para esses 42% que têm alguma reserva financeira qual foi a motivação para o investimento. A **segurança aparece como a principal motivação, para 54% dos entrevistados**. Eles não enxergam os produtos financeiros como uma forma de maximizar o patrimônio ou auferir ganho, mas como uma maneira de guardar o que economizaram em um lugar seguro, que é como enxergam as instituições financeiras.



A motivação pela segurança é unanimidade: aparece em primeiro lugar em todas as faixas etárias, classes sociais e níveis de escolaridade

O resultado está em linha com a percepção que já tínhamos registrado em 2012, por ocasião da chamada criativa feita na itsNOON, uma plataforma virtual em que as pessoas respondem a perguntas feitas por quaisquer empresas de maneira lúdica. Perguntamos **"o que te ajuda a aplicar seu dinheiro?"**. As respostas podiam ser enviadas de diversas formas: redações, poesias, desenhos, vídeos, imagens, entre outros. **Das 229 respostas recebidas, inúmeros desenhos trouxeram o famoso porquinho em forma de cofre**. Essa associação mostra a ideia de segurança que as pessoas têm em relação às aplicações financeiras.



“Quando eu era criança tinha sempre por perto o meu cofrinho. Ele sempre me inspirou confiança e a mensagem de que tudo acaba bem no final. Hoje o cofrinho virou banco em forma de fundos de investimento e poupança



CONHEÇA O INVESTIDOR BRASILEIRO

A percepção de que as **instituições financeiras são um lugar seguro para guardar dinheiro** também já havia sido registrada em **outra pesquisa**, feita em 2017 com a consultoria Na Rua e o Datafolha.



“

O banco é como se fosse um porquinho, onde deixo seguro o meu dinheiro guardado

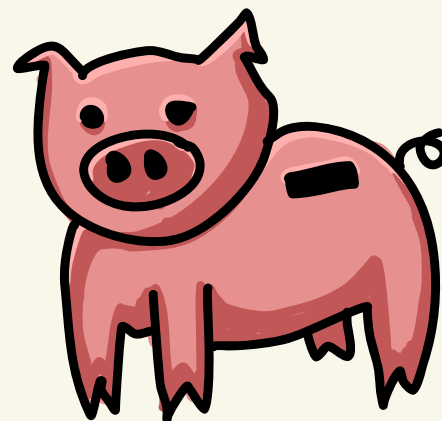


A **busca por retorno financeiro aparece em segundo lugar** entre as motivações para investimento. Foi apontada por 16% dos entrevistados, com predominância entre os homens (19%).



A terceira motivação, citada por 12% dos entrevistados, é a **possibilidade de sacar o dinheiro de volta assim que precisar, sem ter prejuízo**.

Essa preocupação dos brasileiros reforça o comportamento fruto da herança inflacionária experimentada por décadas: investimentos com alta liquidez (facilidade de resgatar o valor aplicado) e de curto prazo ainda são os preferidos.





CONHEÇA O INVESTIDOR BRASILEIRO

Principal vantagem de aplicar em produtos financeiros

Segurança financeira, possibilidade de conseguir juntar uma reserva financeira

54%

O retorno financeiro que posso obter com a aplicação do meu dinheiro

16%

Poder retirar o dinheiro sem prejuízo em caso de necessidade

12%

Guardar/ dinheiro ficar guardado/ em poupança

3%

Economia/ não gastar com coisas desnecessárias

1%

Aplicar/ comprar/ investir em bens (imóvel/ carro/ terreno)

1%

Não sabe

4%

Nenhuma vantagem

5%

Base: investidores (1.411 entrevistas)
Mencionaram, em média, uma vantagem



A pesquisa mostra que **só 1% dos entrevistados enxerga investimento como o caminho para conquistar algo maior.**

Esse grupo aplica dinheiro para, no futuro, adquirir um bem, por exemplo, carro ou imóvel ou fazer algo que queira muito, como uma viagem ou um curso.

Há, ainda, uma parcela de **9% dos entrevistados que não sabe as vantagens de investir** e não veem, efetivamente, nenhum sentido nesse ato. Os que não conhecem as vantagens somam 5%, entre os quais predominam as **mulheres, aqueles pertencentes à classe C, menos escolarizados (apenas com ensino fundamental) e com renda de até dois salários mínimos**. Outros 4% não enxergam vantagem em investir. Aí, estão, em sua maioria, brasileiros mais velhos (45 anos ou mais) e menos escolarizados.



CONHEÇA O INVESTIDOR BRASILEIRO

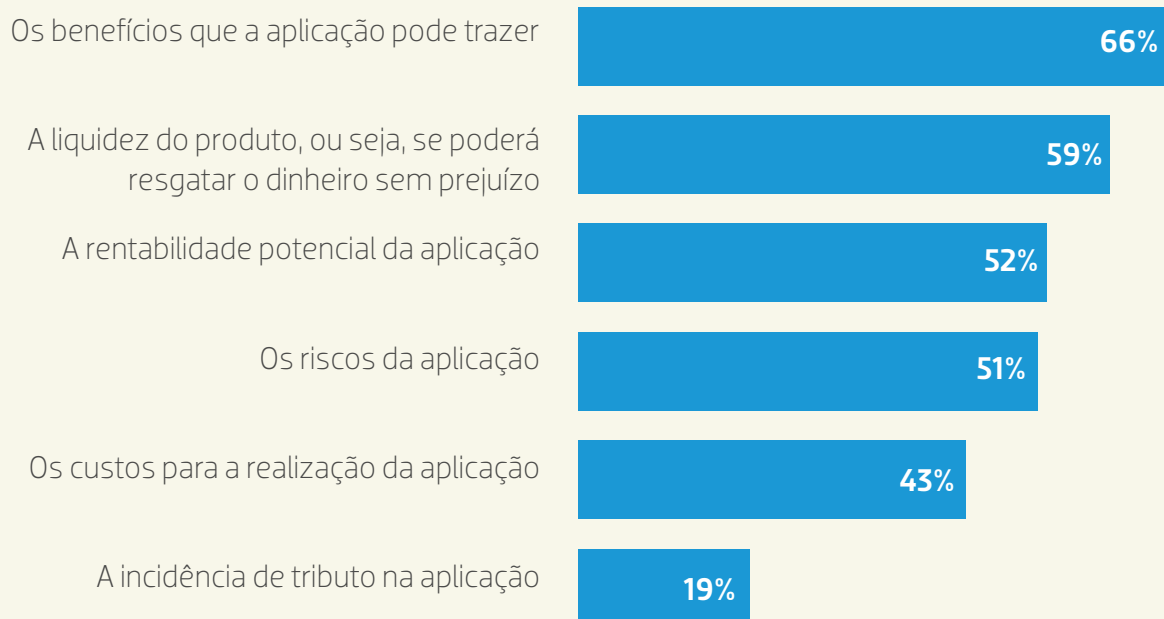
O que as pessoas levam em consideração para escolher um produto financeiro?

Na hora de escolher um produto financeiro, o que **66% dos investidores mais levam em conta são os benefícios que a aplicação pode trazer**. Essa importância vai diminuindo conforme aumenta a faixa salarial dos brasileiros: 74% dos que ganham de dois a três salários mínimos consideram os benefícios. Entre os que recebem mais de dez salários mínimos, só metade se preocupa com esse aspecto.

A liquidez da aplicação aparece em segundo lugar entre os fatores que mais motivam a escolha. Chama atenção o fato de a liquidez aparecer com destaque nas respostas das pessoas mais velhas (mais de 60% entre aqueles com mais de 45 anos apontam a possibilidade de resgate sem prejuízo como o aspecto mais relevante na hora de escolher uma aplicação financeira).

A rentabilidade potencial da aplicação é o terceiro aspecto considerado no momento da escolha, seguida de perto dos riscos. Os custos e a incidência de impostos ficam no fim da fila entre os fatores que mais pesam na escolha de um produto financeiro.

O que leva em consideração para escolher produto financeiro



Base: investidores (1.411 entrevistas)
Entrevistados podiam assinalar mais de uma vantagem



CONHEÇA O INVESTIDOR BRASILEIRO

Onde busca informações?

A pesquisa mostra que o **gerente do banco continua tendo papel fundamental** para o investidor no momento de escolher onde colocar seu dinheiro: 41% dos brasileiros que aplicam em produtos financeiros buscam informações, presencialmente, com esse profissional.



A preferência aparece, principalmente, nas faixas etárias mais velhas. Entre os que preferem um bom cafezinho no banco, 42% têm entre 45 e 59 anos. A participação sobe para **47% entre os sexagenários.**



CONHEÇA O INVESTIDOR BRASILEIRO

Onde busca informação para decidir o melhor produto financeiro para se investir

41%



Presencialmente, ou seja, falando com o gerente, corretor de investimento

29%

Sites de notícias



17%

Consultorias de investimento



33%

Amigos/ Parentes

9%



Blogs e fóruns de investimentos

11%

Aplicativos de corretoras e investimentos



3%



Meios de comunicação (rádio/ TV/ jornal)*

5%

Não busca informações **x**

*Citação espontânea

Base: investidores (1.411 entrevistas)
Mencionaram, em média, 1,5 meios

Comportamento diferente é visto entre os jovens: **45% dos investidores de 16 a 24 anos valorizam as indicações de amigos e parentes.** O resultado é reflexo de um comportamento típico dos millennials: a força e a autoridade das instituições têm menor valor para esse público, em comparação a recomendações e opiniões compartilhadas por seus contatos.

As diferenças de acordo com as faixas etárias não param por aí: **entre as pessoas de 25 a 34 anos, os sites de notícias são a forma preferida (40,8%) para busca de informações.**

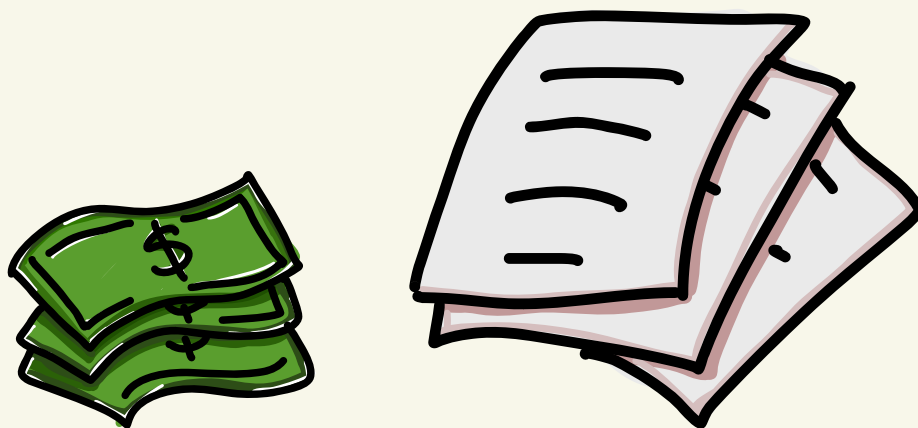


CONHEÇA O INVESTIDOR BRASILEIRO

Expectativa com relação às aplicações

Observar como os brasileiros avaliam o desempenho de suas aplicações é um **importante exercício para entender suas expectativas e frustrações.**

A pesquisa mostra que **quase a totalidade dos investidores (92%) acompanha suas aplicações,** apesar de a prática ser mais comum entre os mais jovens. As pessoas têm o hábito de comparar o rendimento atual com a mesma aplicação em períodos anteriores – 36% admitem ter esse costume. O comportamento



é predominante, principalmente, entre os mais escolarizados (nível médio e superior). Vinte e nove por cento conversam com o gerente para acompanhar regularmente suas aplicações e para entender o momento atual do mercado.



CONHEÇA O INVESTIDOR BRASILEIRO

Modo como avalia o desempenho das aplicações financeiras

Compara o rendimento atual da sua aplicação com a mesma aplicação em períodos anteriores

36%

Conversa com gerente/corretor regularmente sobre suas aplicações e o momento do mercado

29%

Compara o rendimento atual da sua aplicação com outros tipos de aplicações

17%

Compara o rendimento atual da sua aplicação com outros índices da economia relacionados ao mesmo período

15%

Compara o rendimento atual da sua aplicação com as aplicações de outras instituições financeiras

14%

Através de extratos mensais/acompanha pelo extrato

1%

Não costuma acompanhar o desempenho de sua aplicação/nada

8%

Base: investidores (1.411 entrevistas)
Mencionaram, em média, 1,3 modos de avaliação





CONHEÇA O INVESTIDOR BRASILEIRO

Além de relacionarem a rentabilidade passada com a futura, **as pessoas comparam produtos de natureza completamente diferente.**

A pesquisa indica que 17% dos investidores comparam, por exemplo, ações com CDBs (Certificados de Depósitos Bancários), poupança com fundos de ações, debêntures com fundos multimercados, sem necessariamente considerarem a estratégia de cada produto, prazo ou outras características. Essa prática é predominante entre os homens mais escolarizados e com maior poder de compra, ou seja, os pertencentes às classes A/B.

Uma parcela menor dos investidores (15%) tem mais cuidado ao fazer comparações: observa o rendimento da aplicação ao longo do tempo e os indicadores econômicos do mesmo período.



Outros 14% ficam sempre de olho na grama do vizinho: comparam o rendimento com o desempenho da mesma aplicação em outras instituições financeiras

Por fim, uma pequena parcela – **1% dos investidores – age de forma passiva,** acompanhando a aplicação pelo extrato mensal da conta.



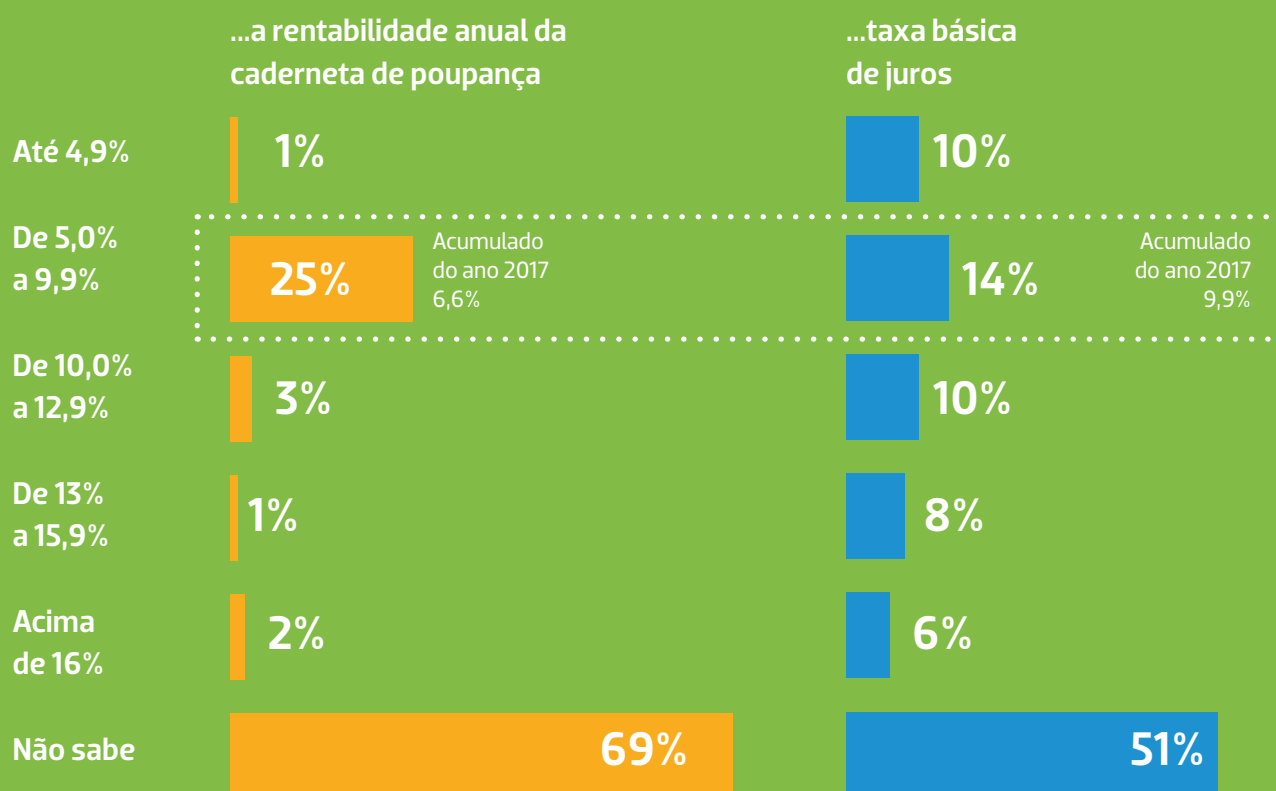
CONHEÇA O INVESTIDOR BRASILEIRO

Conhecimento dos investidores sobre economia

A maioria dos brasileiros aplica na poupança, mas sua rentabilidade não é amplamente conhecida pelos investidores. Quase 70% dos entrevistados não souberam dizer qual foi o rendimento registrado em 2017. Apenas 25% acertaram – lembrando que se tratava de

uma questão de múltipla escolha. **Os acertos concentram-se entre as pessoas de 45 a 59 anos (18,2%), da classe A (24,5%), com ensino superior (19,6%) e renda maior do que dez salários mínimos (26%).** Na outra ponta, com menos acertos, estão as mulheres, os menos escolarizados e pertencentes à classe C.

Conhecimento sobre...



Base: investidores 1.411 entrevistas

O desconhecimento se estende também quando o assunto é a taxa de juros. **Mais da metade dos investidores (51%) não faz ideia de qual foi a Selic** – taxa "mãe" da economia, que referencia grande parte das aplicações financeiras – em 2017. **O maior número de acertos veio dos homens, integrantes da classe A, com ensino superior e renda maior que dez salários mínimos.**

Vale lembrar a variação da Selic nos últimos três anos foi de 41,97%, enquanto a poupança registrou variação de 24,62% no mesmo período.



CONHEÇA O INVESTIDOR BRASILEIRO

Destino que dará para o retorno das aplicações

Para 31% dos investidores, **a compra ou a quitação do imóvel próprio é o principal objetivo** do retorno de suas aplicações financeiras. Fazem parte desse universo, em maioria, pessoas entre 25 e 44 anos e com ensino médio.

Na sequência aparecem, com 15%, os brasileiros preocupados com a **formação de uma reserva de emergência para eventuais imprevistos ou oportunidades**. Os mais velhos – pessoas com mais de 45 anos – estão mais atentos nesse quesito: somam 41%.

31%



Comprar ou quitar parcelas de imóvel ou terreno

15%



Ter dinheiro guardado para emergências

11%



Comprar carro, moto ou caminhão

10%



Fazer uma viagem

7%



Abrir um negócio/ ampliar/ investir no negócio

6%



Usar para estudar (educação, cursos etc.)

6%



Deixar para os filhos ou usar para os estudos dos filhos

6%



Construir ou reformar a casa

5%



Usar na sua velhice ou aposentadoria

5%



Manter o valor do dinheiro e ir usando quando precisa

Base: investidores (1.411 entrevistas); 7% responderam que não sabem

A partir do terceiro lugar, os destinos passam a ser variados e com percentuais semelhantes. Entre eles estão: **comprar um automóvel, fazer uma viagem, abrir ou investir no negócio próprio, estudar, reformar a casa, guardar para a aposentadoria**, entre outros. A reserva de dinheiro para utilizar nos estudos dos filhos e para viajar aparece com maior frequência entre as mulheres. Enquanto isso, os brasileiros entre 16 e 24 anos querem comprar um automóvel.



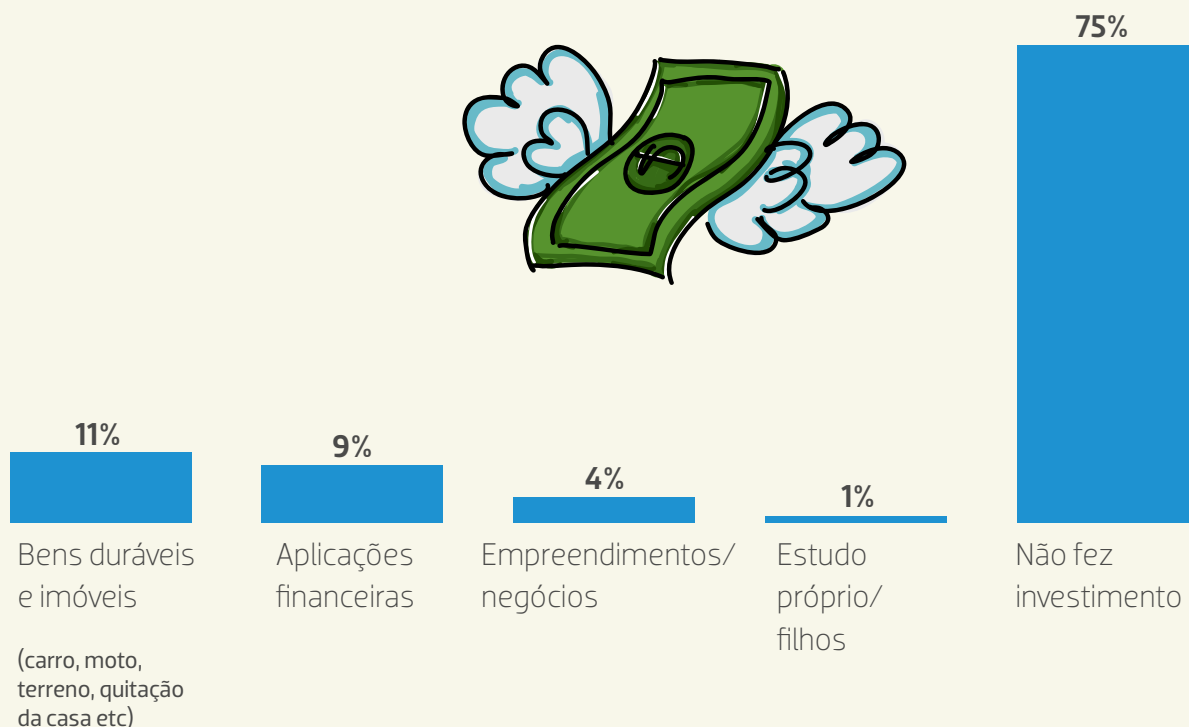
QUEM INVESTIU EM 2017?

Até aqui conhecemos o raio X dos brasileiros que tinham qualquer valor investido em produtos do mercado financeiro em 2017, considerando, inclusive, aqueles que aplicaram dinheiro em anos anteriores. **Mas quem investiu em 2017?**

Essa foi a principal pergunta feita aos entrevistados. O objetivo não era apenas mensurar quantos realizaram aplicações financeiras, mas também entender o que as pessoas pensam quando falamos em investimentos. Como veremos a seguir, **para boa parte da população, investimento é um conceito bem mais amplo.**

Em resposta espontânea, **25% dos brasileiros, o equivalente a pouco mais de 20 milhões de pessoas, declararam ter feito algum tipo de investimento em 2017.** Na liderança entre as opções mais utilizadas **não estão os produtos financeiros, mas sim os bens duráveis e imóveis.** Apenas nove em cada 100 pessoas investiram de fato em produtos financeiros, ou seja, 9%.

O que é investimento para os brasileiros com renda?



Base: total da amostra de 3.374 entrevistas



QUEM INVESTIU EM 2017?

Quem é o brasileiro que aplicou dinheiro em 2017?



66%

é do sexo masculino



54%

da região Sudeste



48%

é casado



62%

tem filhos

Com relação à idade, o universo de poupadores é bem dividido

26%

tinham entre 25 e 34 anos em 2017

24%

estavam na faixa dos 45 a 59 anos

23%

tinham mais de 60 anos

Quanto à renda familiar

31%

Têm ganhos de R\$ 2.863,00 até R\$ 4.770,00

21%

Têm ganhos de R\$ 4.771,00 até R\$ 9.540,00

33%

trabalham de carteira assinada

25%

têm ensino médio completo

24%

concluíram a faculdade

18%

cursaram pós-graduação





QUEM INVESTIU EM 2017?

Onde o brasileiro investiu em 2017?

Entre os 9% dos brasileiros que fizeram algum investimento em 2017, mais de **70% aplicaram na caderneta de poupança**. Na sequência, aparecem os fundos de investimento, com 11,5%, quase empatados com os planos de previdência privada (10,4%). Os títulos públicos ficaram na quarta posição entre as escolhas dos brasileiros no ano passado, com 7,8%, seguidos pelos títulos privados (como debêntures, CDBs, letras de crédito, etc.), com 6,6%. A lista ainda é composta por ações de empresas (4,5%) e moedas digitais (2,9%).

Além dos produtos financeiros, onde estava o dinheiro do brasileiro?

E onde os outros 16% (para relembrar: 25% afirmaram que investiram, mas só 9% aplicaram em produtos financeiros em 2017) que declararam ter feito algum investimento em 2017 colocaram o dinheiro? **O percentual corresponde ao número de pessoas que disseram ter "investido" na compra de bens de consumo, na abertura do próprio negócio ou no pagamento da faculdade para os filhos ou para si mesmos.**

Entre esses 16% (que correspondem a aproximadamente 16 milhões de pessoas), 11% compraram bens duráveis e imóveis (compra ou quitação do carro ou da casa própria); 4% abriram o próprio negócio ou compraram produtos para revender; e 1% pagou os estudos dos filhos e deles próprios.



Na área de mecânica para montar negócio próprio.



Comprei um terreno.



Investimento profissional, fiz um curso na área contábil.



Cirurgia plástica e apliquei também na caderneta de poupança.

Assim, conclui-se que 75% dos brasileiros não fizeram nenhum investimento em 2017, seja em produtos financeiros ou em bens e serviços. Entre os **não investidores, predominam mulheres (81%), pessoas da classe C (81%), com ensino fundamental (83%) e com renda de até dois salários mínimos (85%).**



NÃO INVESTIDORES

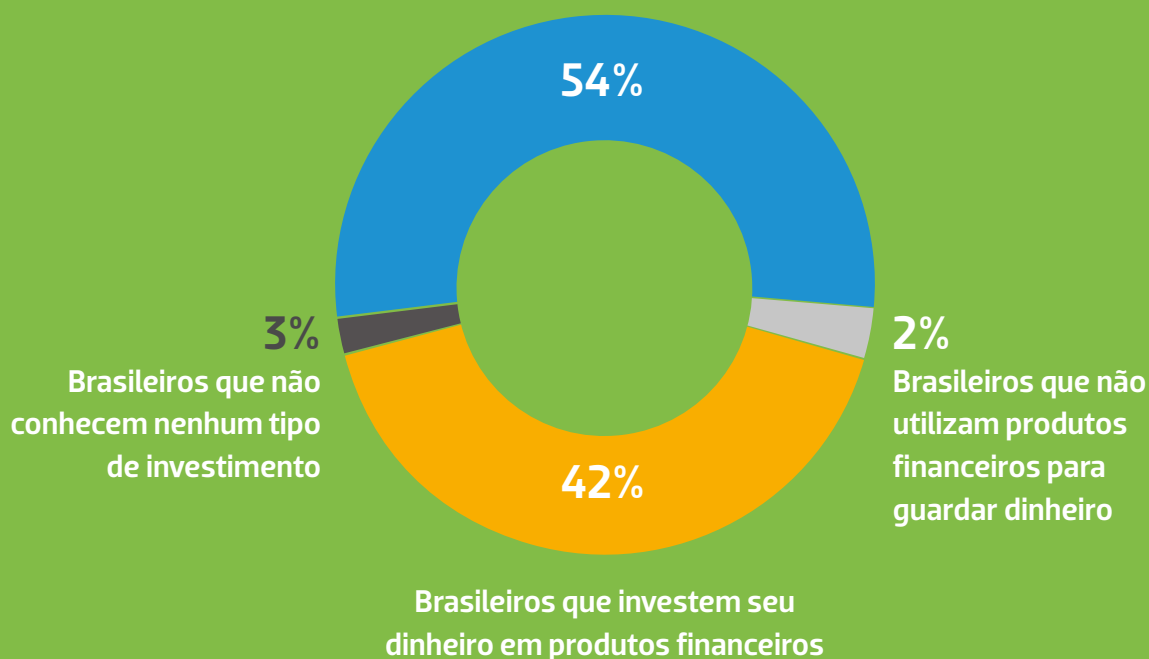
Agora que já conhecemos o perfil completo dos investidores, vamos olhar para aqueles que não têm nenhum dinheiro aplicado em produtos financeiros. O universo de 58% que não tem aplicações divide-se em: **peçoas que guardam dinheiro, mas não por meio de produtos financeiros (2%); brasileiros que não guardaram nada de forma alguma (54%); e pessoas que não conhecem nenhum tipo de investimento (3%).**



De modo geral, o perfil de investidores e não investidores são opostos. **Enquanto os investidores são mais escolarizados e com maior poder aquisitivo, a maioria dos não investidores (não conhecem ou não utilizam) pertencem à classe C e são menos escolarizados.**

Cenário: não investidores

Brasileiros que não guardam dinheiro de forma alguma



Base total da amostra: 3.374 entrevistas



NÃO INVESTIDORES

Por que não investem?

84%

Condições
financeiras

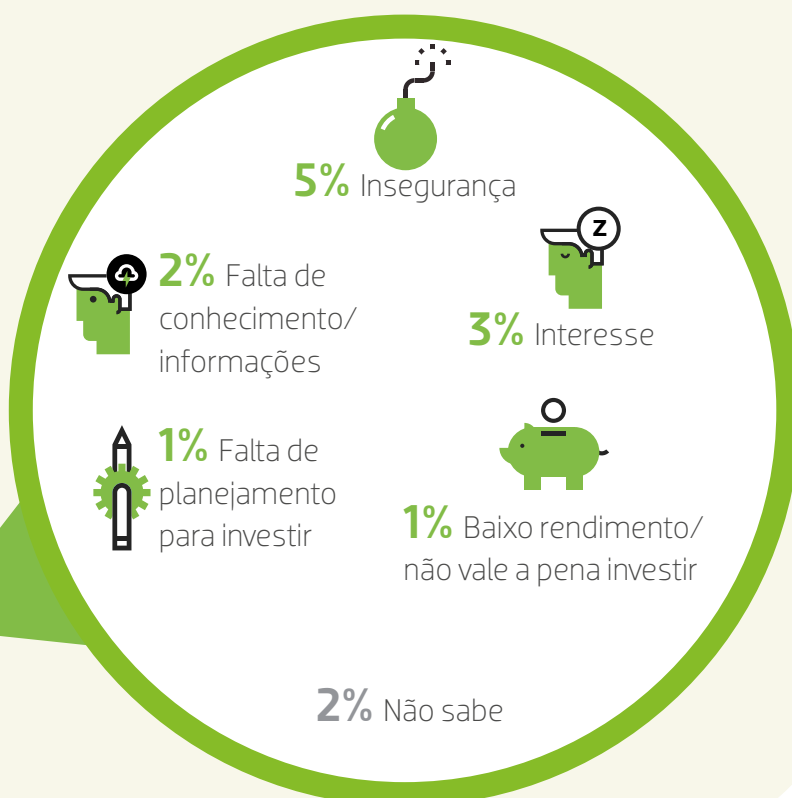


Mais da metade das pessoas que não têm investimentos afirmaram que não o fizeram por não terem guardado dinheiro em 2017.

Nesse contingente, **a condição financeira foi a principal razão para 84% dos brasileiros, especialmente mulheres e pessoas com mais de 35 anos.** A dificuldade financeira engloba desde salários baixos e desemprego até gastos inesperados como doenças e ajuda financeira a parentes.

A **insegurança em aplicar em produtos do mercado** foi o segundo motivo mais citado com 5%, porém com larga distância da ausência de condições financeiras. O receio divide-se pelo medo das aplicações não darem certo e pela crise econômica que o país vem enfrentando.

14%



Base: entrevistados que não fizeram aplicações (1.799 entrevistas)



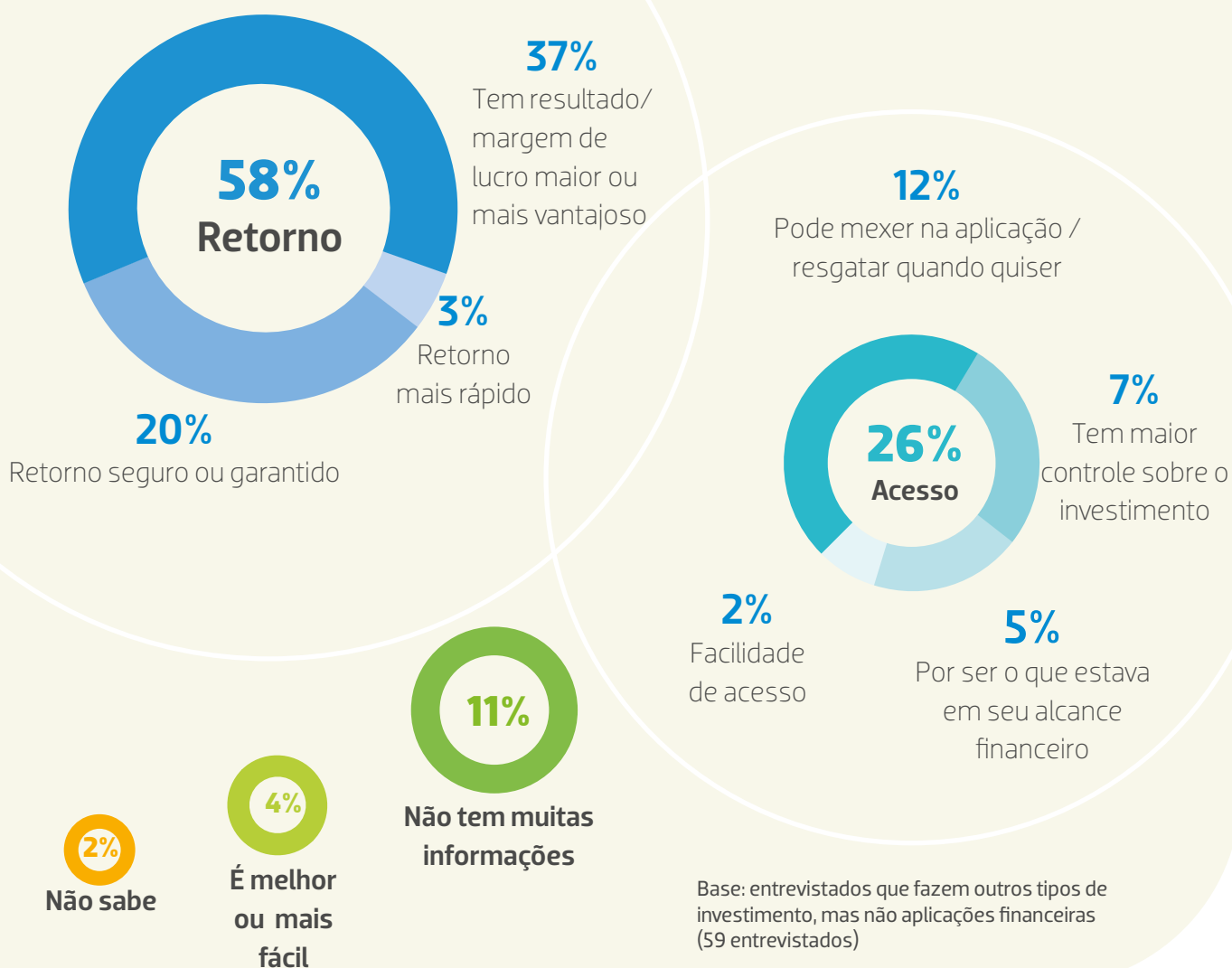
NÃO INVESTIDORES

Os outros motivos são **falta de interesse – predominante entre os jovens** –, falta de conhecimento, baixo rendimento das aplicações e falta de planejamento para investir.

Entre os 2% que guardaram dinheiro, mas não investiram em produtos do mercado, o principal motivo alegado foi o retorno financeiro (58%). Eles acreditam que por outros meios conseguem obter uma margem de lucro maior (37%), retorno mais garantido (20%) ou até mesmo de forma mais rápida (3%). Esses argumentos prevalecem entre os que fazem parte da classe A (69%).



Motivos para preferirem outros investimentos

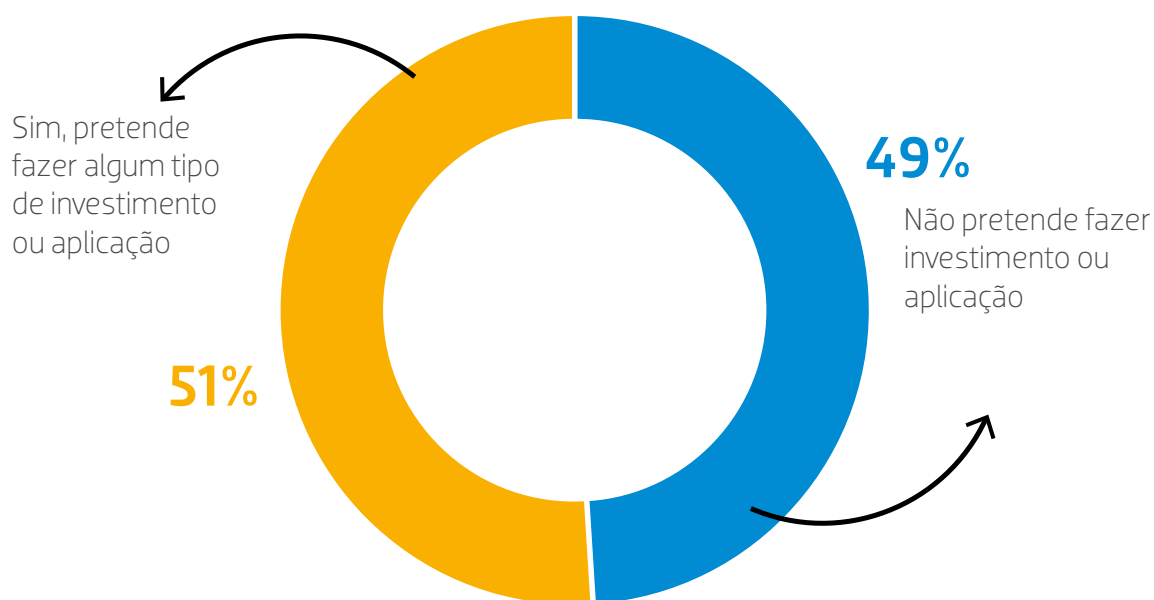




NÃO INVESTIDORES

Intenção de investir em 2018 e destino da aplicação

Apesar de não investirem nenhum dinheiro em 2017, um pouco mais da metade (51%) pretende fazer isso em 2018, o que corresponde a cerca de 50 milhões de brasileiros. A predominância de pessoas com esse perfil está entre os mais jovens (16 a 24 anos), na classe C (53%) e que mora nas regiões Norte (61%), Nordeste (56%) e Centro-Oeste (51%).



Base: entrevistados que fazem outros tipos de investimento, mas não fazem aplicações financeiras ou que não fizeram aplicações financeiras ou investimentos (1.858 entrevistados) // Entrevistados que pretendem economizar em 2018 – 959 entrevistados.

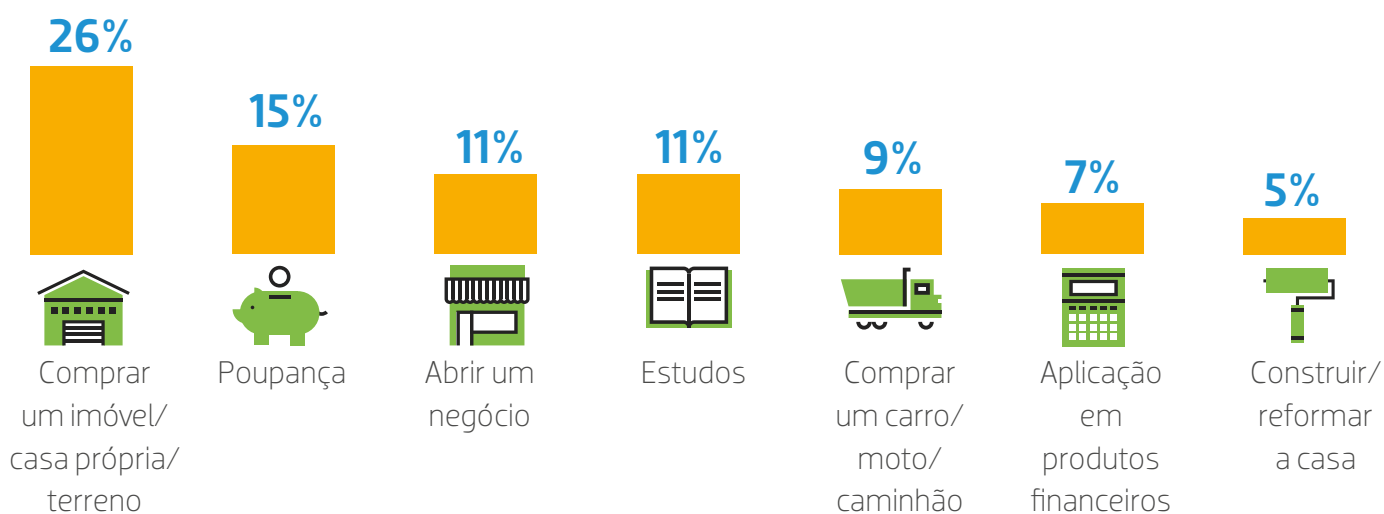
Segundo os futuros investidores, a compra, reforma ou construção da casa própria serão os principais destinos de suas economias. Essa resposta foi dada por 26% dos que pretendem fazer algum investimento em 2018. **O resultado mostra que, não importa a situação política e econômica do país, a classe social ou a idade das pessoas: o sonho da casa própria é muito forte para a maioria dos brasileiros.**



NÃO INVESTIDORES

[Outras pesquisas \(acesse\)](#) já mostraram isso. No trabalho que fizemos para identificar os perfis mais comuns quando o assunto é dinheiro, **91% das pessoas afirmaram que ter a casa própria é garantia para o futuro.** E essa percepção é comum aos cinco perfis que identificamos na ocasião: construtor, camaleão, planejador, sonhador e até o despreocupado.

Destino que dará para a aplicação



Base: pessoas que não fizeram aplicações (1.799 entrevistados)
Mencionaram, em média, 1,2 destinos para a aplicação

O segundo destino mais mencionado pelos entrevistados foi a poupança (15%), ou seja, **os rendimentos da aplicação vão direto para a caderneta para fazerem um pé-de-meia.**

Onze por cento guardarão com objetivo de abrir um negócio, enquanto o mesmo percentual pretende estudar ou pagar o estudo dos familiares. Nesse último grupo, prevalecem mulheres e jovens entre 16 e 24 anos.

Outro grupo, 7%, pretende investir os rendimentos em produtos financeiros. **A maioria das pessoas com esse objetivo faz parte da classe A/B e tem ensino superior.**

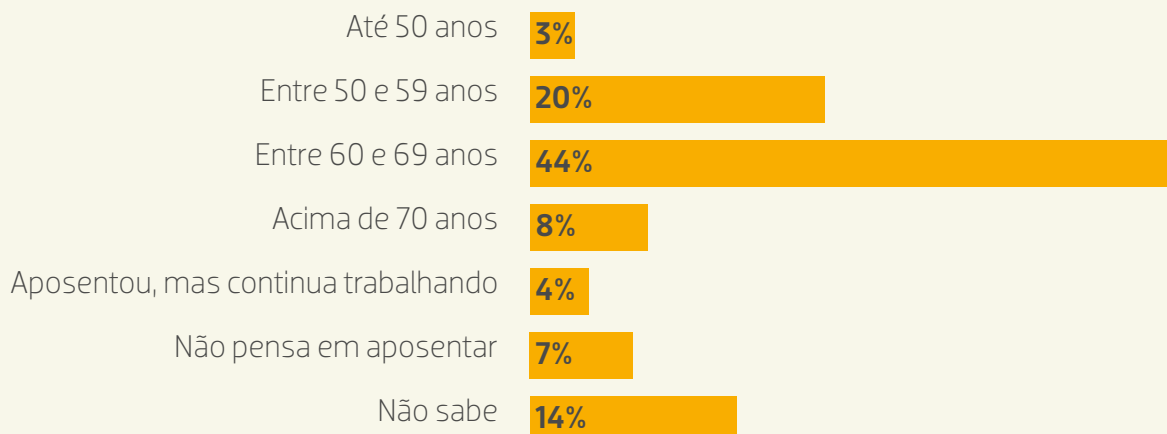


BRASILEIRO NÃO SE PREPARA PARA A VELHICE

Em meio à forte discussão sobre o déficit da previdência pública e a necessidade urgente de reforma nesse setor, **66% dos brasileiros que ainda estão na ativa declararam se preocupar com a aposentadoria, especialmente os mais jovens (16 a 24 anos) e mais ricos (classes A/B).** Ainda que 63% afirmem estar planejando a aposentadoria para chegarem sossegados à velhice, **78% não se veem parados no futuro. São pessoas que não pensam em deixar de trabalhar, seja porque não se imaginam desocupados (78%) ou porque não terão dinheiro suficiente para viver (62%).** Nesse universo, prevalecem aqueles com maior poder aquisitivo e escolaridade.

Os mais jovens (16 a 24 anos) já entenderam o problema e pretendem se aposentar com mais de 70 anos, mas são minoria da população. A grande parte dos entrevistados (44%) pretende pendurar as chuteiras entre 60 e 69 anos. As mulheres querem se aposentar mais novas, entre 50 e 59 anos, ou não sabem ainda com que idade desejam ou conseguirão parar de trabalhar.

Idade que pretende se aposentar



Base: pessoas que não são aposentadas ou que são e continuam trabalhando (2.919 entrevistas)

Quase a metade da população (47%) acredita que será sustentada pelo governo, especialmente as pessoas mais velhas – mais próximas de se aposentarem – e menos escolarizadas. Na outra ponta, **28% já decidiram que o sustento continuará vindo do trabalho,** enquanto 2% sabem que precisarão da ajuda dos filhos ou da família lá na frente.





BRASILEIRO NÃO SE PREPARA PARA A VELHICE

Apenas uma baixa parcela da população (21%) informa se planejar de alguma forma para a velhice: 10% dos entrevistados utilizarão o dinheiro de aplicações financeiras; 6% vão contar com o retorno de uma previdência privada; 4% receberão aluguéis dos imóveis que possuem; e 1% tem economias guardadas.



De onde virá o dinheiro que te sustentará na aposentadoria?

47%

Previdência pública (INSS)

28%

Do salário/
continuará
trabalhando

10%

Aplicações

6%

Previdência privada

4%

Aluguel dos
imóveis
que possui

2%

Família/
Filhos ajudarão
no sustento

1%

Das economias
que possui

12%

Não sabe

Base: Pessoas que não são aposentadas (2.813 entrevistas)
Mencionaram, em média, 1,1 meio de sustento

Não é novidade que o ser humano, não apenas o brasileiro, tem dificuldade em lidar com o futuro, o que vai além das questões financeiras. Prova disso é que 12% dos entrevistados não têm ideia de onde virá o sustento na aposentadoria. Essa despreocupação está presente, principalmente, entre as pessoas da classe C com renda de até dois salários mínimos e com nível fundamental e médio de escolaridade.



BRASILEIRO NÃO SE PREPARA PARA A VELHICE

O brasileiro acredita que o padrão de vida tende a melhorar na aposentadoria, ainda que tenha a percepção de que as despesas crescem nessa fase. Para mais de 80% dos entrevistados, os gastos aumentarão (46%) ou deverão se manter (41%), e apenas 28% acham que o padrão de vida será pior que o atual. Entre aqueles que acreditam que o padrão de vida estará melhor (39%), prevalecem os mais jovens (16 a 24 anos) e os mais escolarizados.

Mas, se tudo isso é expectativa, vamos à realidade: o que pensam os aposentados brasileiros e o que acontece efetivamente com eles?



Como imagina que será

Despesas na aposentadoria

46%

Maiores

14%

Menores

41%

Iguais

Como é

61%

Maiores

13%

Menores

26%

Iguais



Padrão de vida na aposentadoria

39%

Melhor

28%

Pior

32%

Igual

34%

Melhor

26%

Pior

41%

Igual



Base: não aposentados (2.813 entrevistas) e aposentados (455 entrevistas)



BRASILEIRO NÃO SE PREPARA PARA A VELHICE

Atualmente, a renda de 89% das pessoas vem exclusivamente da previdência pública.

Apenas 6% são sustentadas pela previdência privada, 1% pelo dinheiro aplicado em produtos financeiros e 2% pela renda dos aluguéis que recebem – pessoas com maior poder aquisitivo. Outra parcela continua fazendo bicos (2%) ou dependendo da família (2%).



De onde vem o dinheiro que te sustenta atualmente

89%

Previdência pública (INSS)

6%

Previdência privada

2%

Aluguel dos imóveis que possui

2%

Família/ Filhos ajudam no sustento

2%

Do trabalho/ bicos que faz

1%

Aplicações financeiras

1%

Pensão

3%

Não sabe

Base: pessoas que são aposentadas (455 entrevistas)
Mencionaram, em média, 1,1 meio de sustento

As despesas aumentaram depois de aposentados. A cada dez brasileiros aposentados, seis confirmam que os gastos são maiores agora. Ainda assim, 41% consideram o padrão de vida igual ao anterior (antes da aposentadoria) e 34% dizem que melhorou.

Nota-se que padrão de vida não deve contemplar apenas os aspectos financeiros. Outras variáveis mais subjetivas também precisam ser consideradas, como bem-estar, tempo disponível, condições físicas, entre outras.



CONCLUSÃO

Os números não mentem: os brasileiros poupam pouco. Apenas 9% investiram em produtos financeiros em 2017 e menos da metade da população (42%) tinha algum dinheiro aplicado ao final do ano passado.

Mas não podemos ignorar o entendimento dos brasileiros de que investir é um conceito amplo, ou seja, vai muito além dos produtos financeiros. Quando perguntadas se investiram no ano anterior, 25% das pessoas disseram que sim, sendo que apenas 9% fizeram aplicações financeiras. Os outros 16% colocaram seus recursos na compra ou na quitação de imóveis, em bens duráveis como carro ou moto, no negócio próprio e em estudos. Essas outras formas de investir devem ser consideradas e devidamente acolhidas pelo mercado. Afinal, no cenário de baixa poupança do Brasil, é papel da indústria financeira mostrar às pessoas a importância das aplicações, inclusive, para a concretização dessas outras formas de investimento.

É preciso sensibilizar as pessoas de que, para preservar suas conquistas, inclusive patrimoniais, é necessária uma reserva financeira, seja para aproveitar as oportunidades – por exemplo, a possibilidade de estudar em uma universidade no exterior –, seja para administrar imprevistos, como a perda do emprego. Nenhum patrimônio sai ileso à diminuição de renda em qualquer estágio da vida – até mesmo na aposentadoria. A reserva financeira garante a manutenção de tudo o que foi conquistado de forma planejada e consciente.

O primeiro passo para fomentar uma cultura de investimentos no Brasil é despertar o interesse das pessoas pelo assunto. O dinheiro ainda é visto como um tabu nas relações pessoais e, quando mencionado, geralmente vem com viés negativo. Essa resistência pode diminuir com a melhor percepção das pessoas de que ele é o elo entre os desejos do presente e a realização desses sonhos no futuro. É papel da indústria de investimentos ajudar na construção dessa ponte.

Mas como sensibilizar a população? A saída é apresentar os benefícios das aplicações financeiras, para que as pessoas consigam "virar a chave" e abandonar a percepção negativa, enraizada há anos, de que poupar é um sacrifício. Depois de desmistificar o assunto, é hora de impactar a sociedade com uma abordagem mais adequada para o perfil de cada um. Nossa pesquisa anterior, sobre a trajetória financeira do brasileiro, trouxe bons insumos para aprimorarmos essa comunicação, com a identificação das cinco formas mais comuns de se relacionar com o dinheiro.



CONCLUSÃO

Instituições financeiras são “cofrinhos” para os brasileiros

Entre aqueles que já investem, a pesquisa mostra que a principal motivação para tal é a segurança trazida pelas aplicações. Ou seja, colocar o dinheiro em uma instituição financeira é uma maneira de guardar as economias em um lugar seguro. Apesar de ser uma percepção positiva, pois significa que o mercado tem credibilidade, surpreende o fato de os brasileiros não considerarem logo de cara a possibilidade de aumentar seus ganhos. Eles enxergam os produtos como um cofrinho mais seguro do que guardar o dinheiro em casa. A máxima “se não perder dinheiro já está bom” é suficiente para a maioria. E aí que entra a importância e o desafio da educação financeira: mostrar que apenas “guardar” no banco não é uma gestão eficiente de recursos e que, dependendo da forma como esse dinheiro é guardado, os brasileiros podem estar perdendo rendimentos e até poder de compra.

Diante desse raciocínio, não é surpresa que a maior parte das aplicações do brasileiro esteja alocada em investimentos mais conservadores, predominantemente na poupança. Entre os que investiram qualquer valor em 2017, 70% preferiram a caderneta. Motivos não faltam: é fácil de administrar, não tem cobrança de imposto de renda e a liquidez é diária, isto é, dá para resgatar o dinheiro a qualquer momento – não se considera, muitas vezes, o fato de que é preciso esperar o aniversário da poupança para que haja a remuneração do período.

Na sequência, com larguíssima distância, estão os fundos de investimento – com 11% – e os planos de previdência privada – com 10% da preferência. Mas esse panorama vem mudando gradativamente com a migração dos investidores para diferentes produtos, promovendo uma tímida, mas significativa, desconcentração no sistema financeiro. Por exemplo: o dinheiro aplicado na poupança representa 89% de todo o estoque de investimentos do brasileiro. Se considerarmos só 2017, essa participação cai 19 pontos percentuais. No caso das ações, o estoque responde por 1,5% de todo o valor investido no mercado. Isoladamente, os recursos colocados em ações em 2017 têm mais que o dobro, com 4,5%. Esses dados refletem uma mudança de comportamento e uma maior busca por diversificação e rentabilidade, ainda que muito discreta.

Da parcela da população que não investiu em 2017, a grande maioria usa a mesma justificativa para a falta de uma reserva financeira: 68% não conseguiu economizar nada em 2017 e alega que não o fez porque não sobrou dinheiro. Entre aqueles que guardaram algum recurso (32%), a maior parcela (59%) conseguiu economizar a partir do corte de gastos, como evitar compras desnecessárias. Este é o melhor caminho para um orçamento funcionar na prática: sempre considerar o consumo na hora de organizar as finanças e priorizar os investimentos. Outro grupo (25%) poupou apenas o dinheiro que sobrou, sem tratar o investimento como uma tarefa prioritária.



CONCLUSÃO

2018: expectativa é a entrada de 6,2 milhões de investidores

Ainda que grande parte não tenha conseguido poupar, há motivos de sobra para a indústria de investimento olhar de forma otimista para os resultados da pesquisa. Do universo que não aplicou em 2017, 51% pretende investir em 2018. Desse total, 22% tem a intenção de investir em produtos financeiros. Se isso se concretizar, significará a entrada de 6,2 milhões de pessoas na indústria de investimento. A estimativa é animadora não apenas pelo potencial de clientes que se apresenta para o setor, mas também pela perspectiva de mudança que o Brasil tem para o seu modelo de previdência social, cuja reforma é praticamente inadiável. Ainda assim, os brasileiros não acordaram para a necessidade de se prepararem para essa fase da vida. Quase metade (47%) dos futuros aposentados acredita que viverá apenas com o benefício do governo, enquanto outro grupo (28%) pretende continuar trabalhando.

Há um universo de produtos disponíveis para auxiliar a sociedade na conquista de sonhos, na construção e manutenção de patrimônio, na formação de renda e de um pé-de-meia que permita tranquilidade na aposentadoria. Tudo isso é possível – independentemente de renda, classe social ou nível de escolaridade. Mas, para isso, é necessário começar no D+0, como se fala no jargão do mercado, o que significa que é para já. Investir em produtos financeiros é o caminho para que as pessoas conquistem qualquer objetivo, como pagar uma faculdade, uma viagem, adquirir bens como casa ou carro, e para garantir a estabilidade que todos desejamos.

Para isso, é preciso despertar a consciência financeira. Transformar os poupadores em investidores é uma tarefa para lá de desafiadora, mas vale muito a pena.

Esta pesquisa nos ajudará com ainda mais insumos para continuarmos nessa jornada de entender mais profundamente as causas instaladas em nossa sociedade e como, a partir de um entendimento claro sobre elas, é possível debater e propor soluções efetivas e duradouras. Nossa proposta é realizá-la anualmente para acompanhar o comportamento dos brasileiros, as motivações e as intenções dos investidores, assim como entender quais fatores influenciam na decisão de investir ou não da população, porque nosso propósito é ajudar as pessoas a poupar mais e investir cada vez melhor.



MATERIAIS RELACIONADOS



Confira outros conteúdos que preparamos sobre o tema:



Baixe as tabelas em excel com dados consolidados da pesquisa

Perguntas cruzadas pela principais variáveis socioeconômicas

Perguntas cruzadas pelas variáveis regionais, investidores, não investidores



Baixe a tabela em excel com dados brutos

Perguntas cruzadas pelas variáveis regionais, investidores, não investidores



Acesse a página especial da pesquisa



EXPEDIENTE

O raio X do investidor brasileiro

Presidente

Carlos Ambrósio

Vice-presidentes

Carlos André, Flavio Souza, Luiz Sorge, Miguel Ferreira, Pedro Lorenzini, Ricardo Almeida e Sérgio Cutolo

Diretores

Adriano Koelle, Alenir Romanello, Fernando Rabello, Jan Karsten, José Eduardo Laloni, Julio Capua, Luiz Chrysostomo, Luiz Fernando Figueiredo, Lywal Salles Filho, Pedro Juliano, Pedro Rudge, Reinado Lacerda, Saša Markus e Teodoro Lima

Comitê Executivo

José Carlos Doherty, Ana Claudia Leoni, Francisco Vidinha, Guilherme Benaderet, Patrícia Herculano, Eliana Marino, Lina Yajima, Marcelo Billi, Soraya Alves e Thiago Baptista

Rio de Janeiro

Praia de Botafogo, 501, bloco II, conj. 704, Botafogo
Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22250-042
+ 21 3814 3800

São Paulo

Av. das Nações Unidas, 8501 21º andar – CEP 05425-070
+ 11 3471 4200
www.anbima.com.br

